



vez, lança mão do recurso harmonizador, no sentido de imobilizar toda discursividade nas teias da “sedução da harmonia estética”.

Esse ciclo de controle opera na direção de legitimar o processo de desistoricização do discurso teológico, que age na intenção de impossibilitar novas mediações culturais, a partir da ascensão-potencialização-evocação de uma mediação (metafísica), tornando-a norma normatizante. Esse processo, por sua vez, impede que o evento nuclear da teologia se dê no interior das comunidades de fé, barrando, sobretudo, a experiência de fé e sua capacidade inventiva, bem como seu poder mobilizador.

Endereço do Autor:

E-mail: buenomartir@gmail.com



Resumo: *Vivemos na época do encontro entre as grandes religiões da humanidade, no mundo globalizado de hoje. Potencial fonte de violência, a religião também pode ser promotora da paz. Merton pode ser considerado um dos precursores no diálogo inter religioso, com destaque para sua abertura ao judaísmo. Destacamos sua amizade e correspondência com o rabino Abraham Joshua Heschel. (Também mereceriam destaques sua amizade com dois outros judeus: com o também rabino Zalman Schachter e com o psicanalista social Erich Fromm). Vamos desdobrar a seguir a influência marcante da mística judaica sobre o Eremita de Gethsemani, para depois mostrar como sua espiritualidade mergulha fundas raízes na Bíblia Hebraica.*

Abstract: *Living at a time of an increasing exchange among the major religions of humanity we are aware of the new opportunity for growth and mutual benefits for all concerned. As a matter of fact, sources of violence on one side are counterbalanced on the other side by challenges of peace. Thomas Merton can be considered as forerunner of inter-religious dialogue with an emphasis on the approach to Judaism. Special mention is to be made of his friendship and exchange of letters with Abraham Joshua Heschel. We also recall Jewish authors such as Rabbi Zalman Schachter and Erich Fromm a well known social psychoanalyst. Distinguishing elements of influence on Jewish mysticism upon the Hermit of Gethsemane are highlighted so as to show that its spirituality has deep roots in the Hebrew Bible.*

“Semitas espirituais”: a Contribuição de Thomas Merton ao Diálogo Inter- religioso judaico-cristão

*Getúlio Antônio Bertelli**

* Doutor em Teologia pela PUC-Rio. Professor na UNESPAR-Campus FAFIPAR em Paranaguá- Paraná.

Introdução

Vivemos na época do encontro entre as grandes religiões da humanidade, no mundo globalizado de hoje. Potencial fonte de violência, a religião também pode ser promotora da paz. Merton pode ser considerado um dos precursores no diálogo inter-religioso, com destaque para sua abertura ao judaísmo. Destacamos sua amizade e correspondência com o rabino Abraham Joshua Heschel. (Também mereceriam destaques sua amizade com dois outros judeus: com o também rabino Zalman Schachter e com o psicanalista social Erich Fromm). Vamos desdobrar a seguir a influência marcante da mística judaica sobre o Eremita de Gethsemani, para depois mostrar como sua espiritualidade mergulha fundas raízes na Bíblia Hebraica.

A mística mertoniana foi profundamente influenciada por Abraham Joshua Heschel¹. Foi Heschel quem ensinou seu grande amigo Merton a unir mística e profecia². Na leitura da Sagrada Escritura, ajudou a corrigir a distorção de chamar de "*Antigo Testamento*" à Primeira Aliança, a Bíblia Hebraica. Heschel mostrou que o judaísmo é uma religião viva e não algo suplantado pela fé cristã. E ensinou que só podemos entender a Bíblia Hebraica, se nos tornarmos "*semitas espirituais*" (o que supõe um processo de des-helenização). Destarte, Merton escreveu: "Ou nos tornamos judeus, ou então deixemos de ler a Bíblia. A Bíblia não faz sentido nenhum para quem não se tornar '*espiritualmente semita*'"³.

Heschel influenciou Merton com sua obra *God in Search of Man*⁴, mostrando que é Deus quem toma a iniciativa de buscar a intimidade com o ser humano.⁵ Tal intuição (p.136-143) funda a mística cristã, vencendo

¹ Sobre Heschel, Merton tece os maiores elogios: "Heschel é o escritor de espiritualidade mais significativo nesse país na hora atual. Aprecio a sua profundidade e realismo. Ele conhece a Deus! Agora está escrevendo sobre Os Profetas" (KRAMER, Vítor (Org.) *Turning toward the World: The Pivotal Years*. Nova Iorque: HarperSanfrancisco, 1997, p. 61-62. (Abreviado *TtW*). Para uma abordagem exaustiva sobre a relação entre Merton e Heschel, ver *Merton and Judaism: Recognition, Repentance and Renewal; Holiness in Words*. Lousville: Fons Vitae, 2003 (Abreviado *MJ*).

² *TtW* 286.

³ MERTON, Thomas. *Conjectures of a Guilty Bystander*. Nova Iorque: Doubleday, 1966, p. 17. (abreviado *CGB*). Cf., também *MJ* 16-17; *MV* 99.

⁴ CUNNINGHAM, Lawrence (Org.) *A Search for Solitude: Pursuing the Monk's True Life*. Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1997, p. 293-294 (abreviado *SfS*), *TtW* 66.

⁵ HESCHEL, Joshua Abraham. *God in Search of Man: A Philosophy of Judaism*. 2a ed. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 1983. (doravante abreviado *GSM*). Para ele, a iniciativa divina de vir em busca do ser humano tem prioridade sobre a pergunta humana por Deus. Um exemplar dessa obra na biblioteca da Abadia de Gethsemani

toda justificação por obras, mesmo ascéticas, sacramentais ou piedosas. A experiência do mistério de Deus é o encontro com a dimensão do Sublime, como forma misteriosa de beleza, quase ausente fora das fontes bíblicas (p. 33-42). A grandeza e dignidade do ser humano consistem, então, na capacidade de responder com humildade à dimensão do sublime em Deus, na criação, e nele mesmo (p. 281-292).

A resposta humana à dimensão do sublime é feita de *assombro* (p. 43-53), que é anterior à fé e a ela conduz, e também de admiração e enlevo (p. 73-87) diante do mistério que nos envolve por todos os lados, celebrado nos Salmos, na Sabedoria e nos Profetas (p. 249-256). Assim, os maiores inimigos da mística são a indiferença, a rotina e o conformismo, a vaidade que endurece o coração e o insensibiliza para perceber o mistério de Deus, da criação e do ser humano, dando tudo como suposto, como um 'estar-aí' simplesmente, e a busca do máximo de conforto ("*Gemütlichkeit*") com um mínimo de esforço (p. 33-34).

Não por último, Heschel ensinou também Merton que, para além do mistério, está a compaixão divina, conforme a revelação de Deus no Sinai: Javé revela (Ex 3), (ao mesmo tempo em que oculta), Seu mistério unicamente porque se compadece do sofrimento do povo. É um Deus libertador e desce a montanha para libertar.⁶ Abraham Heschel praticou a compaixão divina.

foi prefaciado pelo próprio Heschel, com expressão de grande amizade para com Merton, que também usava a obra de Heschel *The Prophets* como texto-base em suas preleções aos noviços. Cf., também DWL 126. HESCHEL, A. *The Prophets*. Nova Iorque: Harper and Row, 1962. A seguir elencamos as outras obras de Heschel, além das supracitadas:

HESCHEL, Joshua Abraham. *Earth is the Lord, The: The Inner World of the Jews in Eastern Europe*. 2ª ed. Nova Iorque: The World Publishing Company, 1963.

_____. *Grow in Wisdom, To*. Nova Iorque: Synagogue Council of America, 1961.

_____. *Insecurity of Freedom, The: Essays on Human Existence*. Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, 1966.

_____. *Israel: An Echo of Eternity*. Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, 1969.

_____. *Man is not Alone: A Philosophy of Religion*. Nova Iorque: Jewish Publishing Society of America, 1951. Cf., *SfS* 336.

_____. *Moral Outrage of Vietnam, The. Vietnam: Crisis of Conscience*. Nova Iorque: Herder and Herder, 1967, p. 48-61.

_____. *Passion for Truth, A*. Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, 1973.

_____. *Sabbath, The: Its Meaning for Modern Man*. Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, 1984.

_____. *Who is Man?* Stanford, CA: Stanford University Press, 1969.

⁶ *GSM* 3-100.



Destarte, influenciou Merton não só a subir a montanha de Deus, mas a descer ao mundo do humano. Assim como Merton, Heschel escreveu com indignação ética e profética contra a guerra do Vietnam. Suas palavras têm incrível atualidade, diante do novo Vietnam criado no século XXI. Diz ele que uma vitória militar constitui uma derrota moral. Ele se pergunta: "Quem imaginaria que nós, os norte-americanos, tão amantes da vida, seríamos capazes de provocar a morte e destruição em tantas pessoas inocentes? Estamos perplexos ao descobrir como somos tão bestiais e sem compaixão".⁷

Em 31 de janeiro de 1967 (data natalícia de Merton), Heschel presidiu à oração de abertura num culto macro-ecumênico na Catedral de Washington, intercedendo a Deus em favor da paz. Em forma de pergunta a Deus, ele desabafa:

*Quem imaginaria que a nossa nação, no auge de sua carreira como líder das nações livres, a esperança de paz no mundo, cuja grandeza sem precedentes foi conseguida através da "liberdade e justiça para todos", pudesse abdicar de sua sabedoria, suprimir sua compaixão e permitir que as metralhadoras se tornassem seus símbolos?... No momento, o Vietnam é o nosso mais grave problema religioso. Falar sobre Deus e silenciar sobre o Vietnam é uma blasfêmia... Ao orar pela paz no Vietnam nos tornamos espiritualmente vietnamitas. Sua agonia é nossa aflição. Sua esperança é nosso compromisso.*⁸

Eis aí o verdadeiro sentido de compaixão: Assumir como próprio o sofrimento alheio e tornar-se responsável (e até culpado) pelo pecado do mundo!

Além de resistir à guerra com indignação ética e profética, Heschel apresenta a verdadeira postura bíblica diante do mal: orar pela conversão dos governantes, suplicando assim a Deus:

"Ajuda-nos a superar a arrogância do poder. Guia e inspira o presidente dos EUA, a fim de que possa encontrar uma saída rápida, generosa e pacífica para a guerra do Vietnam".⁹ Questionando ser a guerra a solução para a agonia humana diante da "abundância de armas e a escassez de compaixão", Heschel afirma: "O Departamento de

⁷ HESCHEL, Abraham. The Moral outrage of Vietnam. *Vietnam: Crisis of Conscience*. Nova Iorque: Herder and Herder, 1967, p. 48.

⁸ Ibidem, p. 50.

⁹ Ibidem, p. 51.



Estado e o Pentágono se comportam como se houvesse uma divisão de qualidades: infalibilidade de julgamento por parte deles; e ignorância e sentimentalismo da parte de todos os demais".¹⁰

Vamos ver a seguir a dimensão bíblica da mística mertoniana.

1 A Bíblia Hebraica como base da mística mertoniana

A experiência mística de Merton era autenticamente bíblica, permanentemente confrontada com a Palavra de Deus na Bíblia Hebraica e nos Evangelhos. Era também coerente com a fé e prática da comunidade cristã e com a sua linguagem. A mística, enquanto experiência de intimidade com Deus, começa pela escuta amorosa e atenta da Palavra de Deus, contida na Bíblia. Pois a Bíblia inteira é um convite à intimidade com Deus, a sermos parceiros de diálogo com Ele. Pelo fato de ser Deus quem vem ao nosso encontro, a busca humana se transforma em escuta. Sem essa referência explícita e constante à Sagrada Escritura, a experiência mística corre o risco de se transformar em miragem, ilusão do falso eu, e até em idolatria, criando um ídolo para o próprio entretenimento e satisfação imediata do anseio por segurança, auto-afirmação e sucesso.

A mística mertoniana mergulha fundas raízes na Bíblia Hebraica, principalmente nos Patriarcas, nos Profetas e na tradição sapiencial (*Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Salmos*). Na Segunda Aliança ressalta a ética do Sermão da Montanha e também a síntese harmônica da atividade de Marta (boa, útil, produtiva) com a escuta amorosa, atenta e vigilante de Maria. O evento fundante é a encarnação do Verbo (como desenvolve São Bernardo de Claraval). Assim se expressa Merton: "Sinto-me muito mais estável e pacificado quando leio a Bíblia".¹¹

Merton trata a Bíblia Hebraica como um documento vivo, um "Tu" que permite a experiência de um encontro interpessoal. Sua abordagem unia teologia e espiritualidade. O texto bíblico não pode ser espiritualizado, nem relegado à periferia da existência. É mensagem libertadora: da escravidão do Egito, do exílio na Babilônia e de todas as formas de escravidão.

¹⁰ Heschel, Op., Cit., p. 58.

¹¹ DAGGY, Robert (Org.). *Dancing in the Water of Life: Seeking Peace in the Hermitage*. Nova Iorque: HarperSanFrancisco, 1997, p. 338 (abreviado DWL).



Contudo, Merton considera a Bíblia um livro perigoso. Ela nos interpela e desinstala, questiona nossas posições piedosas e cômodas. É mais fácil se envolver com os comerciais da TV do que com ela. Na sua abordagem à Bíblia, ele faz duas perguntas entrelaçadas: Que livro é esse? E, quem é esse leitor da Bíblia? À primeira pergunta responde que não é um livro para uma leitura fundamentalista, moralista e literalista. Prefere uma abordagem bíblica libertadora e macro-ecumênica da Bíblia: judaica, cristã e muçulmana (tendo Abraão como o elo de unidade). Ele inclusive resgata uma leitura extra-oficial da mesma, feita por homens como Pasolini, Erich Fromm e William Faulkner.¹²

Na Bíblia Hebraica, Deus, o mundo e o ser humano são apresentados com a categoria de sublime, presente. Comparado com ela, tudo o mais é insatisfatório. A contemplação do sublime provoca em nós a idéia de infinito: quando contemplamos a imensidão da noite estrelada, a vastidão do mar, a tempestade de raios e relâmpagos, o céu azul, o pôr-do-sol, a neve caindo no inverno, a flor nascendo na primavera, a cachoeira majestosa e a montanha que se eleva na planície. Tudo isso provoca em nós assombro, admiração e enlevo, que são nossa reação e resposta ao encontro e à experiência do Sublime.¹³

Merton lecionou a Sagrada Escritura e a teologia mística para os noviços a partir de 16 de novembro de 1949. Ensinou o que vivia. Considerava a Palavra de Deus inesgotável, comunicadora de vida, alimento, portas e janelas abertas ao Transcendente, renovadora de seu ser, semente de contemplação. Sentia-se mais próximo das personagens bíblicas do que das pessoas físicas com as quais convivia. Ele as enumera: patriarcas, profetas, evangelistas fazem parte integrante de sua vida; lê suas palavras com assombro e admiração e os considera seus Pais na fé.¹⁴ Vamos desdobrar a seguir três vertentes principais que Merton explora na rica mina da Bíblia Hebraica.

1.1 Na vertente patriarcal: Abraão como o paradigma de conversão, vocação e compaixão

A Bíblia Hebraica mostra claramente o fato de ser Deus quem vem em busca do ser humano, e este é descoberto por Ele. É Deus quem toma a iniciativa e decide encontrar nosso Pai na fé, Abraão. Deus chama, e ele responde: "Aqui estou!" (Gn 22,1). Eis a atitude antropológica fundamental diante do

¹² MERTON, T. *Opening the Bible*. Collegeville: Liturgical Press, 1986, p. 7-9. (abreviado OB).

¹³ HESCHEL, Abraham Joshua. *God in Search of Man: A Philosophy of Judaism*. 2a ed. Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux. 1983, p. 33-42 (GSM).

¹⁴ HART, Patrick e MONTALDO, Jonathan (Orgs.) *Merton na Intimidade: Sua Vida em Seus Diários*. Rio de Janeiro: FISIS, 2001, p. 80-81 (abreviado Mnl).



mistério de Deus! Como epígrafe à sua auto-biografia, Merton escolheu um versículo bíblico referente ao patriarca Abraão: "Pois eu vos digo que Deus é capaz de tomar essas pedras e fazer delas filhos para Abraão".¹⁵

Para Merton, Abraão é um tríptico modelo: de conversão, de vocação e de compaixão. Sua conversão consistiu em abandonar os deuses do espaço (politeísmo) e se dedicar incondicionalmente ao Deus do tempo, da história, e da promessa futura (do *shabbat*, que é a eternidade no tempo). Sua vocação consistiu em viver na intimidade com Deus, fazendo a experiência de Seu constante cuidado e compaixão (Gn 18,23ss). Sua compaixão consistiu, conforme uma tradição do Talmud o revela, em buscar no deserto a Agar e o filho Ismael, expulsos de casa, para os trazer de volta ao seio da família.¹⁶

Abraão é, em primeiro lugar, o paradigma de *conversão* (como Merton). Sua conversão consistiu em passar do politeísmo ao mono-teísmo. Deixou as falsas seguranças das relações sociais, culturais e religiosas, para viver na santa insegurança da fé. Deixou Deus ser Deus. Sacrificou seu passado e seu futuro, para viver o presente na confiança e entrega de uma fé e esperança radicais. Sua conversão tem, não por último, uma dimensão profético-política: ela significa ruptura e rejeição da hegemonia política e espiritual da Babilônia, montada sobre a guerra, a violência e falsos valores. Merton, ao entrar no mosteiro em plena guerra mundial (10/dez/1941), está também abandonando simbolicamente Babel armada de bombas.

Abraão é, em segundo lugar, o paradigma da *vocação*. O encontro com o mistério de Deus se dá na vocação. Ele é chamado ao êxodo e responde com o seguimento: ruptura, despedida do que é seguro. A vocação de Abraão consistiu principalmente em viver na intimidade com Deus, fazendo Dele o único absoluto, e nada antepondo a esse amor. Deus mesmo chamava Abraão de "Meu amigo" (Is 41,8).

Na fé, Abraão abandonou a idolatria, que consiste em manter intimidade absoluta com quem é apenas relativo. Na esperança sacrificou o seu passado, a segurança familiar, cultural e religiosa, partindo "sem

¹⁵ SSM. Epígrafe. Infelizmente a tradução mais recente ao português da auto-biografia de Merton eliminou arbitrariamente esse versículo bíblico da epígrafe, mutilando assim uma referência fundamental para se entender a conversão e vocação do próprio Merton.

¹⁶ MAGID, Shaul. *Monastic Liberation as Counter-Cultural Critique in the Life and Thought of Thomas Merton*. Occasional Paper Number 3. (abreviado MLCC). Disponível em www.merton.org/papers/liberation.htm. p. 9. Acesso em 06/dez/02.



saber aonde ia" (Hebreus 11), confiando tão somente na promessa. Andou no silêncio, na escuridão e no escondimento. E sacrificou também o seu futuro, o filho da promessa. "A promessa a Abraão é uma promessa de libertação, de independência sob o olhar de Deus. E a passagem através do Mar Vermelho foi uma passagem da escravidão do Egito para a liberdade do povo que Deus formou e escolheu... para viver... uma aliança de liberdade e amor".¹⁷

Abraão viveu tão somente no presente de Deus. Experimentou a bondade e santidade divinas num misto de indignidade e compunção, reconhecendo ser apenas "pó e cinza" (Gn 18,27). Escreve Merton: "Abraão viveu em tendas e esteve continuamente mudando de lugar até morrer. Só existe um lugar fixo, o lugar onde finalmente se pára a fim de 'descansar' e 'dormir' com os antepassados".¹⁸

Abraão é, finalmente, o paradigma da *compaixão*, à imagem do Deus que estabeleceu com ele uma aliança de *pathos* (bem querer, afeição), que é anterior à Torá (lei). O Deus do pai Abraão está constantemente envolvido com a história humana, e nunca é indiferente ou neutro frente ao que nela acontece. Ele se deixa encontrar. No *pathos* estão unidas a transcendência e a imanência divinas, o eterno e o temporal, o Criador e as criaturas. É um Deus compassivo. Mas o momento mais doloroso da vida de Abraão foi quando teve de sacrificar o que mais amava na vida, o filho da promessa. Abraão foi assim o primeiro monge. Pois o monge, pela ascese, aguça sua sede de Deus, recusando ser saciado em outras fontes que não satisfazem.¹⁹

Merton também tem a mesma fé abraâmica. Pela conversão, vocação e compaixão, ele deixa a sociedade, cultura e religião norte-americanas, com suas falsas seguranças e privilégios, denunciando o vazio de seus ídolos nacionalistas, e se empenha a vida inteira, como monge, por se ver livre deles em seu próprio interior. Converteu-se em testemunha da liberdade. Tornou-se liberto e libertador: Eis o sentido da ascese monástica como preço da liberdade! Diante da morte que tudo rouba, o monge se antecipa e se desprende pelos votos de todo apego, posses e seguranças. A vocação monástica não é diferente da mística judaica hassídica, cuja meta é: "tornar-se como Abraão (*imitatio Abraham*)."²⁰

¹⁷ CGB 90.

¹⁸ CGB 137.

¹⁹ Sfs 13, 234; TiW 177-178; DWL 166-167.

²⁰ MLCC 11-13.



Tendo desdobrado até aqui primeiro a vertente patriarcal da Bíblia Hebraica, vamos ver a seguir a segunda vertente, a sapiencial, da mística mertoniana. Ela está presente principalmente nos livros da *Sabedoria*, do *Cântico dos Cânticos*, e dos *Salmos*, (sem esquecer que a teologia do *Eclesiastes* é o ponto de partida para os iniciantes no itinerário místico).

1.2 Na vertente sapiencial: Os Salmos como Pão no Deserto

Os Salmos formam a base da mística mertoniana por excelência. Eles são teologia, e um compêndio da Bíblia Hebraica. Destarte, fundam a mística judaica e cristã. Nutrem a vida espiritual e pacificam o espírito humano. Os Salmos revelam a dimensão do sublime no mistério de Deus, da criação, e do ser humano. "Como é grande o *Teu nome* por toda a terra" (Sl 8); "São sublimes as *tuas obras*" (Sl 66,2-3); "Maravilhosamente *me formaste* nas profundezas da terra" (Sl 139).

Estamos situados pouco abaixo de Deus e acima das demais criaturas, num lugar perigosamente sublime, que nos pode levar ou à idolatria, ou à adoração. Destarte os monges, ocupados tão somente em buscar a Deus, despertam no meio da noite para encontrá-Lo mediante a recitação dos Salmos, que são um passo rumo à contemplação, enquanto experiência de Deus, Pai e Mãe da compaixão.

1.3 Na vertente profética

Além da vertente patriarcal e sapiencial, a mística mertoniana é profundamente marcada pela vertente profética. Foi no seu encontro e na correspondência assídua e afetuosa com o amigo rabino Abraham Heschel que Merton aprofundou o seu interesse pelos profetas da Bíblia Hebraica. A obra de Heschel *The Prophets*²¹ era o texto-base usado por Merton quando Mestre dos escolásticos no ensino aos futuros sacerdotes do mosteiro, como já acenamos anteriormente.

Merton aconselha que, na leitura da Bíblia Hebraica, estejamos atentos para perceber as duas tendências básicas presentes nela: o elemento sacerdotal (realista) e o elemento profético (iconoclasta), a tendência contra-cultural, vale dizer, as críticas à sociedade, cultura e religião,

²¹ HESCHEL, Abraham Joshua. *The Prophets*. 2ª ed. Nova Iorque: HarperCollins, 2001.



em nome da Santidade de Deus, que exige compaixão. Os profetas em suas críticas denunciam todas as instituições, nações e pessoas por não promoverem a compaixão, e com ela a paz e a justiça. Mostram que, ao invés disso, promovem a violência, a divisão e a exploração, usando o nome de Deus para justificar interesses nacionalistas.²²

Na vertente profética, Merton busca inspiração para seu empenho em promover a paz e a justiça. Em Is 9.6 ele resgata a noção de "*Príncipe da Paz*", cujo reino messiânico significa a reconciliação dos seres humanos entre si e com a criação (Os 2,18-20). Então a compaixão divina inundará a terra inteira (Is 11,9). Cessarão a violência e a injustiça (Is 54, 13).²³

Mística e profecia devem andar indissolúvelmente juntas. Isaías 6 mostra isso com clareza meridiana. Merton cita a vocação de Isaías, Jeremias e Moisés. Isaías 'vê' a glória de Deus no tremor dos alicerces, e ouve a voz chamando-o para a missão profética (Is 6,3s). Jeremias (1,-4-10) e Moisés (Ex 4,10-12), instalados no cotidiano, são invadidos em sua privacidade por Aquele que os chama a uma nova liberdade. O próprio Javé é o fundamento dessa liberdade última, por ser a fonte do ser humano. Sua presença enche o templo. Os profetas mencionados tentam resistir à vocação. Mas depois se submetem. Resistência e submissão. Sua resposta é o seguimento.

Tanto os profetas quanto os apóstolos e evangelistas questionam, a partir de seu universalismo bíblico, uma sociedade, cultura e religião absolutizadas. Merton cita Is 1,10-15 para mostrar que Deus abomina os ritos religiosos carentes de justiça.²⁴ Cita Jr 23,23-40 para protestar contra o nacionalismo religioso ou político que manipula Deus, colocando-o como justificativa ideológica a serviço de interesses imperialistas, como fazem os fundamentalistas conservadores norte-americanos ("*neocoms*"), presos em seus preconceitos sectários e legalistas e promovendo guerras, terrorismo e ódio.²⁵

A palavra de Deus, ao contrário, promove a paz e a unidade, a compreensão entre os povos, culturas e civilizações, a liberdade, "ali onde antes havia preconceito, conflitos, ódio, divisão e cobiça. A mensagem

²² OB 91-92.

²³ MERTON, T. *Redeeming the Time*. Londres: Burns and Oats, 1966, p. 144.

²⁴ OB 88.

²⁵ OB 18-21.



da Bíblia é, então, que, em meio à confusão reinante no mundo humano, com suas divisões e ódios, apareceu a mensagem de poder transformador. Os que a acolherem experimentam em si mesmos o amor que promove a reconciliação e a paz na terra".²⁶

Merton cita também Is 2, 1-4, expressando a expectativa profético-escatológica de que os homens transformarão suas armas de guerra em instrumentos de floração da vida. Para ele, até a escatologia marxista tem bases bíblicas: a injustiça dos exploradores será desmascarada e punida, enquanto os oprimidos serão libertados e exaltados.²⁷

O profeta revela uma permanente indignação ética diante da violência e injustiça presentes no mundo. Ele sabe que os povos, culturas e civilizações podem desaparecer, com todas as instituições pretensamente sagradas, frente às quais ele mostra uma atitude iconoclasta. Ele não condena o inimigo, mas a própria nação: seus governantes, líderes religiosos e (falsos) profetas. Não prevê paz e prosperidade, mas desastre e destruição. Por outro lado, o profeta anuncia a compaixão de Deus, para além do juízo e condenação, se o povo se voltar para Ele.

Conclusão

Ao final do percurso transcrito, podemos afirmar que de fato Thomas Merton pode ser considerado um precursor do diálogo inter-religioso judaico-cristão. Sua fraterna amizade com o rabino Abraham Heschel e a sua abordagem à Bíblia Hebraica confirmam o que acabamos de dizer. Ele encontra na Bíblia Hebraica a inspiração para unir mística e profecia, mormente nas vertentes patriarcal, profética e sapiencial.

Destacamos a vertente *patriarcal*, ressaltando a figura de Abraão como tríptico paradigma: da conversão, da vocação e da compaixão. Destacamos ainda a vertente *sapiencial*: os Salmos como o pão no deserto e expressão da beleza de Deus, da criação e do ser humano. Sem pão e beleza a vida se torna impossível.

Finalmente destacamos a vertente *profética*, pois mística e profecia são inseparáveis, como vemos nos relatos da vocação de Moisés, Isaías e Jeremias: O Deus Libertador Se revela convidando ao seguimento, a fim de libertar seu povo e sua criação ameaçados. A profecia é sempre

²⁶ OB 21-22.

²⁷ OB 46-47.



necessária, para salvaguardar a transcendência de Deus, bem como a dignidade do ser humano e a dimensão do sublime na beleza da criação. Constatamos com pesar que a profecia está em falta, principalmente ali onde sua voz se faz mais necessária: no mundo pretensamente cristão do Atlântico Norte hoje!

A vida e a obra de Merton podem ser uma grande contribuição ao atual diálogo judaico-cristão, com vistas à paz entre os povos e à salvaguarda de nosso Planeta, morada de Deus e dos humanos (*shekiná*).

Endereço do Autor:

Cx 50142 – Pontal do Sul
83255-000 Pontal do Paraná, PR
E-mail: gabertelli@yahoo.com



Resumo: Esses são três temas profundamente relacionados na atualidade dos grandes centros urbanos brasileiros. O primeiro resulta da migração em massa das cidades do interior para as grandes cidades, mudando completamente o perfil da ocupação territorial em apenas meio século. O segundo refere-se ao conjunto de mudanças geradas por aquele fato, associado aos conflitos culturais provocados pela passagem da modernidade para a pós-modernidade, com reflexos na vida familiar, na economia, nas relações de trabalho e na religião. O terceiro é o resultado objetivo dessas transformações para as igrejas, as demais religiões e o chamado à convivência.

Abstract: These three subjects have deeply relation, specially in the great urban centers of Brazilian actuality. The first result of migration waves from small cities to downtown, changing radically the conditions of territorial occupation in only 50 years. The second refers to the changes generated by that fact, associated to cultural conflicts provoked by the passage from modern to postmodern times, with impacts in family life, in economy, in social relations and in religion. The third is an objective result of these transformations regarding the churches, the religions and the call to friendship.

Mobilidade religiosa, pluralismo e diálogo inter-religioso

*Antonio Carlos Ribeiro**

* Teólogo luterano, ex-secretário do Conselho de Igrejas Cristãs do Estado do Rio de Janeiro (CONIC-Rio) e Doutorando em Teologia (PUC-Rio). Cur. Vitae: <http://lattes.cnpq.br/5999603915184645>.